

Carta de Vladimir Herzog para Alex Viany

Londres, 3 de outubro de 1966

Londres, 3-10-1966

Meu caro Alex.

Como sempre, sou obrigado a começar a carta pedindo desculpas pela demora na resposta de sua última mas como há de imaginar andei ultimamente atrapalhado por uma porção de coisas, entre as quais o nascimento do meu primeiro filho, Ivo. Felizmente tudo acabou indo bem e a estas horas mãe e pimpolho estão radiantes e felizes, este último crescendo e engordando a olhos vistos.

Há três semanas aproveitei a viagem de uma amiga nossa, Nilce, esposa do cantor Geraldo Vandré (ela já trabalhou na Cinemateca e o conhece; telefone em São Paulo 51-0922) para lhe mandar o livro de T. Kezich sobre *Salvatore Giuliano*, como me pediu. Por favor, confirme-me o recebimento e guarde-o até minha volta. Há cerca de dois meses mandei, também por portador, ao Maurice Capovilla a última edição dos escritos de Grierson sobre documentário com a sugestão de que, depois de consultá-lo, a mulher dele o traduzisse. De minha parte, acharia importante editá-lo no Brasil, apesar de algumas obsolescências históricas que poderiam ser colocadas sob a devida luz com um bom prefácio crítico. Portanto, fale com o Maurice a respeito.

Há tempos mandei-lhe também uma longa carta na qual, entre outras coisas, sugeria para que pedisse ao Sérgio Muniz a tradução daquele nosso “ensaio” para o Festival de Florença que você queria publicar. Acontece que o original não está comigo, aliás nem sei se existe, uma vez que fizemos a coisa meio “nas coxas” durante o festival. Em todo caso, relendo aquele texto achei que era por demais incompleto e superficial e que deveria ser necessariamente *reescrito*, incluindo informações mais atualizadas, coisa que o Sérgio está em melhores condições de fazer do que eu.

Até agora, com exceção de um único número (3) da *Revista Política Externa Independente*, não recebi nada da Civilização. Mandei para eles um recorte do *Observer* sobre o destino das colônias britânicas na África para possível publicação. Espero que tenha chegado. Quanto a mim, continua de pé meu plano de escrever um amplo estudo sobre os “novos” da Inglaterra, intitulado mais ou menos “Compromisso social no cinema britânico”. Entre os entrevistados figuraria com destaque Peter Watkins, o diretor de *The War Game*, exibido no último festival de Veneza e que eu acho uma obra-prima, e, sem exagero, o filme mais importante do nosso tempo. Ouvi dizer que a turma do Rio está planejando um outro festival. Convidem sem falta Watkins (a quem ainda não conheço pessoalmente) cujo endereço, se interessar, é: 14 Durham Terrace, London W.2.

Vou ver se toco também p’ra frente a ideia de promover aqui uma mostra de cinema brasileiro, pois os ingleses nos desconhecem completamente. Agora, depois do silêncio total na imprensa geral e especializada, acaba de sair uma nota no último número de *Sight and Sound* de um tal John Gillett, a propósito da retrospectiva de Berlim, esculhambando com o cinema brasileiro em termos de uma imbecilidade incrível. Mas, quanto à realização da mostra, é

preciso que a turma daí do Rio (David, Itamarati) se mexa, senão nada feito. Na semana que vem sigo para Mannheim para apresentar e traduzir *Viramundo* no dito festival. Em matéria de filmes novos, chamo a sua atenção para o último de Resnais, *La Guerre est finie*, se é que algum dia vai passar aí...

Bem, só me resta mandar-lhe um grande abraço extensivo à família e aos amigos e aguardar notícias suas,

Vlado

[Datilografado na margem esquerda:] Birri comunicou-me que, por enquanto, foram por água abaixo os planos de realização de *Mal d'Amérique* diante da situação reinante na terra dele. Já foi publicado o livro dele? Consta-me que o Pallero lhe remeteu aquele ensaio "Por un cine popular". Mas por favor não o publique sem consultar o Birri antes.